

Imagens e ideologia no governo Bolsonaro: em torno de variações funcionais¹

Elisabetta Mazocoli de Paula Costa²

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

O artigo aborda o uso das imagens jornalísticas durante os primeiros 100 dias do governo Bolsonaro na grande imprensa. Dando prosseguimento a uma pesquisa anterior que desenvolvemos sobre a relação entre esse tipo de imagem e os editoriais dos jornais, formulamos a hipótese de que as imagens têm desempenhado um papel ideológico notável nessa cobertura. Para realizar o exercício aqui proposto, nosso principal referencial teórico foram as reflexões desenvolvidas por Lúcia Santaella a respeito da leitura de imagens e as de Marilena Chauí a respeito da natureza e do funcionamento da ideologia no sentido marxista do termo. Como resultado principal desta pesquisa, destaca-se a constatação do papel ideologicamente motivado da escolha e da apresentação das fotos selecionadas (que exploram e ao mesmo tempo ultrapassam o caráter a princípio mais “objetivo” e “neutro” das mesmas) mas também as variações funcionais das imagens em relação a essa função ideológica inicialmente imaginada.

palavras-chave: fotos documentais – leitura de imagens – função ideológica

Introdução

Este artigo nasceu como um desdobramento e uma atualização de uma pesquisa anterior que realizei a respeito da relação entre as imagens centrais que estavam sendo usadas pelos jornais na reta final das eleições de 2018 em conjugação com os editoriais correspondentes, na qual discuti a função que as mesmas estariam exercendo num contexto de crescente tematização do processo eleitoral. Prosseguindo nesse exercício de leitura e já incorporando a ele algumas das conclusões obtidas antes, desta vez me propus investigar o papel ideológico que estariam tendo algumas das imagens que mais marcaram a cobertura dos 100 primeiros dias do governo Bolsonaro.

¹ Trabalho apresentado da DT1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 2º semestre do curso de Jornalismo da UFJF, e-mail: bettamazocoli@gmail.com

Esse “exercício de leitura” que nos interessou fazer, vale frisar, distingue-se fortemente da simples “visão” das imagens, conforme esclarece Lúcia Santaella em sua obra **Leitura de Imagens** (2012). De acordo com a autora, a leitura da imagem se dá em três níveis, sendo o primeiro simplesmente o que se relaciona ao *sentimento* gerado pela foto e o segundo o que se refere ao nosso movimento de identificação do *motivo* da foto (ou seja, o que é que está sendo fotografado). É apenas no terceiro nível de apreensão, no entanto, que surge de fato a diferença entre “ver fotos” e “ler fotos”. Ler uma foto, como se compreende então, é lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhe são próprias, e buscar fazer desse olhar uma espécie de “máquina de sentir e conhecer” (p.27). Só dessa maneira é que seria possível observar e analisar os valores temporais e as opções espaciais presentes na foto, compreendendo assim a realidade em que a fotografia se plasmou - já que os elementos “externos” a ela estariam internalizados na imagem de acordo com os potenciais e limites da câmera que o fotógrafo aprendeu a manejar para levar a cabo suas escolhas e composições significativas.

Importante notar, ainda, que o exercício de leitura de imagem que este artigo se propôs a realizar se dá num contexto de grande inovação tecnológica e crescente concorrência com outras mídias, ao qual os jornais tradicionais vêm tentando se adequar, e que é nesse ambiente que crescem duras críticas quanto ao que seria a sua falta de responsabilidade social em relação à população (basicamente, alega-se que o compromisso dos mesmos deveria ser com a sociedade como um todo, e não apenas com as grandes empresas que os financiam). Considerando esse contexto, portanto, parece ainda mais importante que se busque um aprofundamento da percepção coletiva a respeito do papel ideológico³ dos jornais e do poder que eles ainda têm de direcionar a opinião dos leitores – o que esse artigo pretende entender a partir da análise de um de seus recursos que menos imediatamente costuma ser percebido como uma fonte de influência política: as imagens fotográficas.

Nesse sentido, e a partir da incorporação de conceitos apresentados e discutidos por Santaella a respeito da análise da imagem fotográfica, a **hipótese inicial** deste trabalho foi de que, exatamente por não ser apresentada como um elemento mais

³ O adjetivo “ideológico”, aqui, se refere à propriedade do que desempenha o papel de fixação de determinada ideologia, no sentido marxista que a filósofa Marilena Chauí dá a esse termo: o de “mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação.” (1980)

assumidamente “opinativo” dentro do próprio jornal, as imagens podem desempenhar de forma especialmente eficiente a função ideológica de direcionar e influenciar a opinião e a própria percepção das pessoas a respeito do que constitui de fato o “cenário político”, assim naturalizando determinados pontos de vistas como verdades absolutas que com isso se colocam fora do alcance das discussões públicas.

Referencial Teórico

Para analisar as imagens jornalísticas que foram objeto de atenção deste artigo, o principal referencial teórico utilizado foi a obra já citada de Lúcia Santaella, o livro **Leitura de Imagens** – em especial os capítulos dedicados à fotografia e ao design.

Para os fins deste trabalho, cabe destacar que a autora reconhece logo de início que a foto pode ser vista como um “reflexo” do objeto que ela retrata, e que ela é ainda, e antes de tudo, um traço do real marcado por quatro princípios que têm sido colocados em relevo pelos estudiosos da fotografia: conexão física, singularidade, designação e testemunho a respeito do objeto ao qual ela se refere. Nesse sentido, a imagem na fotografia seria sempre uma espécie de marca e prova do real.

Não por acaso, um dos atributos tradicionalmente considerados como mais fundamentais da fotografia encontra-se no seu valor documental: a capacidade da foto “não-manipulada” se aproximar de uma versão sofisticada do espelho, que não reflete uma imagem se o objeto original ao qual ela se liga não estiver diante dele. Nessa perspectiva, a fotografia só é imagem porque ela também é rastro, marca que funciona como uma espécie de vestígio ou pegada de algo que aconteceu, de um objeto que lá esteve e, por isso, sua luz refletida sensibilizou um dispositivo. Por isso, também, se diz que a foto é uma “emanação do real”, e que aquilo que vemos em uma foto, ao menos a princípio não se confunde com um fruto da imaginação, um sonho ou uma recordação, mas é percebido simplesmente como a realidade em seu estado de passado – daí se compreende a crença muito comum de que nada é mais eficaz para fornecer provas indiscutíveis de que algo aconteceu do que uma foto.

Não se pode negar, entretanto, que qualquer foto é, ao mesmo tempo, emanação e **transfiguração**. Afinal, basta o flagrante da câmera para que as coisas adquiram um caráter singular, um aspecto diferente do que elas têm no fluxo vertente da vida. Avançando nessa reflexão, Santaella ainda nos chama a atenção para o fato de que, por

mais fiel que a fotografia possa ser, ela nunca é, efetivamente, aquilo que registrou. Com isso, o “duplo” que a fotografia encarna revela justamente a diferença entre o real fotografado (aquilo que foi engolido pelo tempo que passa) e o seu registro (aquilo que foi capturado e eternizado na foto). Ou ainda, nas palavras mais exatas da autora:

A realidade visível é vasta. O enquadramento da foto a recorta e fragmenta. O objeto ou situação fotografada pode ser testemunhado de uma multiplicidade de pontos de vista. Qual foi o ponto de vista escolhido? De cima para baixo, de baixo para cima, lateral, frontal? O exame do enquadramento que recorta o visível e guilhotina a duração, o fluxo, a continuidade do tempo, assim como o ponto de vista assumido pelo fotógrafo constituem-se em molas mestras para a leitura da fotografia. (p.26)

Fotografar é, portanto, nessa perspectiva, muito mais do que apenas “registrar” a realidade: *trata-se de um ato de escolha, fruto de uma atenção seletiva*. Por isso, aliás, o fotógrafo já foi associado à figura do caçador por muitos estudiosos da fotografia, já que cabe a ele esse gesto de lançar ao mundo um olhar discriminatório, buscando flagrar e capturar um instante que, no correr da vida, lhe pareça estar especialmente carregado de sentido. Cabe a ele, portanto, uma série de decisões que fazem a fotografia se afastar muito claramente de uma mera “emanação do real”, tais como: o que congelar para sempre? para onde dirigir o olho da câmera? a que distância, em que posição e sob qual ângulo se colocar em relação ao motivo a ser fotografado? como enquadrar? o que deve ficar dentro e o que deve ficar fora da inevitável moldura da foto?

Considerando essa cascata de decisões a serem tomadas no momento de se fotografar algo, é possível compreender que aquilo que a fotografia veio inaugurar, nessa perspectiva, foi “o flagrante do visível como fruto de um gesto seletivo, decisivo, irreversível.” E considera-se “gesto”, aí, como “ação dirigida para um alvo”, ou ainda “intervenção que se refere à aplicação da energia e suas consequências”.

Coerentemente em relação a essa percepção, Santaella consolida sua reflexão apontando, então, quais seriam os **três aspectos** mais significativos da foto: como gesto de *flagrante do mundo vivido*, como *documento do acontecer* e como *estetização dos fatos*.

Com esse referencial teórico em mente, este trabalho buscou desnaturalizar a ideia de que as fotos escolhidas para acompanhar a cobertura jornalística dos 100 primeiros dias do presidente eleito fossem meramente algo como “retratos objetivos” ou “registros neutros” da realidade, e passou a tentar detectar exatamente o caráter seletivo e construtivo do **gesto que as gerou**.

Metodologia

A fim de cumprir o objetivo ao qual este artigo se propôs, um problema que precisou ser enfrentado foi, exatamente, o da definição de um *corpus* de análise que pudesse ser especialmente significativo e mesmo revelador, no que diz respeito à possibilidade de flagrarmos como estaria se dando a função ideológica das imagens fotográficas usadas pela grande imprensa num período de alta tematização dos embates políticos.

Considerando, então, esse contexto, a escolha feita recaiu sobre três momentos especiais em que tradicionalmente se dá uma grande visibilidade aos atos do governo, a saber: quando um novo presidente toma posse, quando se pronuncia em um grande fórum econômico mundial e quando é recebido pelo presidente do país mais poderoso do mundo. Acredito que, com essas escolhas, tive chance de observar momentos em que a grande imprensa está em posição não só de noticiar as novidades, mas também de efetivamente se posicionar de forma incisiva e mais pontual sobre a mesma. Nesse sentido, o que busquei foi também alguns dos momentos que poderíamos chamar, portanto, de potencial pico de influência da imprensa.

A pesquisa realizada, então, levando em conta fortemente esses princípios norteadores, tomou para sua análise algumas as fotos que mais circularam nos momentos em questão, sempre republicadas depois na principal revista semanal brasileira: a **Veja**⁴. Isso dito, listamos abaixo os objetos centrais que foram considerados neste artigo:

- foto de Bolsonaro e Michelle: publicada em 1 jan 2019, às 17h15, na Veja on line;

⁴ **Veja** é uma revista publicada pela Editora Abril regularmente às quartas-feiras. Criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, a revista trata de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas, e culturais. Apesar de não ser o foco da revista, assuntos como tecnologia, ciência, ecologia e religião são abordados em alguns exemplares. São publicadas, eventualmente, edições que tratam de assuntos regionais como a *Veja* São Paulo, *Veja* Rio, *Veja* Brasília e *Veja* BH. Com uma tiragem superior a um milhão de cópias, sendo a maioria de assinaturas, a revista *Veja* é a revista de maior circulação nacional.

-
- foto de Bolsonaro e Trump: publicada em 19 mar 2019, às 14h04, na Veja on line;
 - foto da mesa vazia em Davos: publicada em 23 jan 2019, às 13h47, na Veja on line.

A partir dessa seleção, e considerando a base teórica que foi adotada nesta pesquisa, esclarecemos ainda que, no trabalho de leitura e análise das imagens escolhidas, buscamos dar conta do seguinte movimento triplo: relacionar as imagens escolhidas ao eventual conteúdo mais assumidamente opinativo dos jornais nos quais se inseriam; comparar o uso “opinativo” das imagens em cada um dos casos e detectar e discutir que tipo de função ideológica cada uma delas estava desempenhando.

Foi levado em conta, ainda, nas análises realizadas, o funcionamento observado dos seguintes operadores-chave do design gráfico (cf. Santaella, op. cit, p. 57):

- a) **Composição:** baseia-se na proporção, equilíbrio, harmonia e hierarquia dos elementos.
- b) **Direção do olhar:** baseia-se nos pontos fortes, também chamados de áreas nobres de uma composição (sabendo-se que, para o olhar ocidental, o olhar diagonal é preferencial e mais bem assimilado, e percorre do topo à esquerda da página ao rodapé à direita).
- c) **Contraste:** pode ser de tamanho, de cor e de peso tipográfico.

Análise das imagens

Lembro que, a partir da incorporação de conceitos apresentados e discutidos por Santaella a respeito da análise da imagem fotográfica, a hipótese inicial deste trabalho foi de que as imagens poderiam desempenhar uma função ideológica de direcionar e influenciar a opinião pública e a própria percepção das pessoas a respeito do que constitui de fato o “cenário político”, assim naturalizando determinados pontos de vistas que dessa maneira ficam incorporados ao “senso comum” e, por isso mesmo, colocados fora do alcance das discussões públicas.

A escolha das fotos a serem analisadas aqui, nesse sentido, se ligou à percepção de quais foram os momentos em que a imagem pode ter desempenhado um papel crucial na formação da opinião pública em relação a eventos marcantes já no período de início do governo em questão.

Cabe notar, nesse sentido, que tais momentos, além de terem sido marcantes para o governo, também geraram considerável repercussão nacional e internacional. Sendo assim, é interessante notar quais foram as imagens escolhidas pela grande imprensa para acompanhar a cobertura jornalística programada para tais eventos.

Primeiro caso: imagem como reforço ideológico

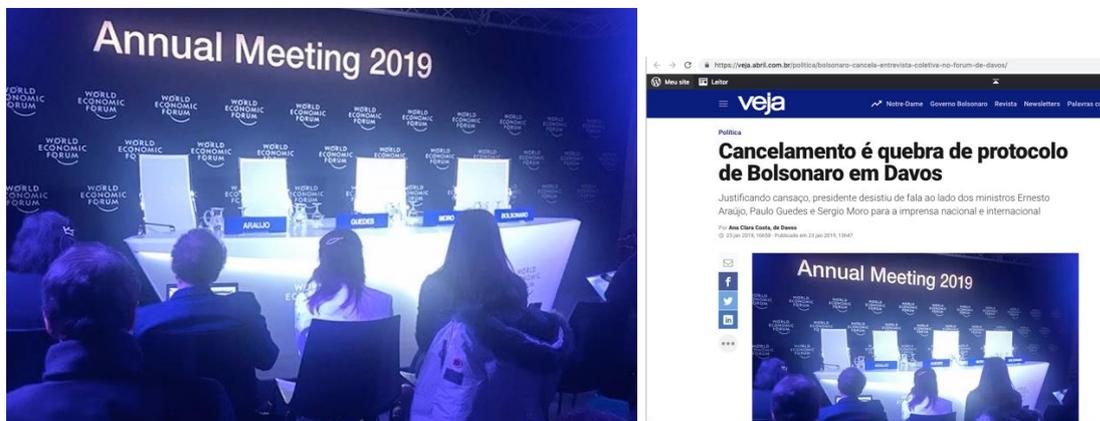


Na imagem acima o presidente e a primeira-dama aparecem sozinhos em um plano (não aparece ninguém identificável além deles, apenas um ligeiro contorno de alguém atrás de Michelle Bolsonaro). Isso, por si só, já serviria para reforçar a figura do Bolsonaro como muito maior ou mais importante que o próprio partido (PSL), assim como a noção reforçada pela campanha de que ele “faria tudo por conta própria”. No entanto, inevitavelmente, essa imagem também acaba revelando uma espécie de solidão ou isolamento dos dois, fato que inclusive foi largamente explorado nas redes sociais pela oposição que comparava as imagens dessa posse às dos governos do PT, onde os eleitos sempre se apresentavam cercados de aliados e também de multidões de gente do povo.

Outro aspecto a ser destacado é a presença da Michelle Bolsonaro ao lado de Bolsonaro numa composição visual relativamente equilibrada em termos de volume e contrastante em termos das cores usadas pelos dois (como diria uma ministra do governo algum tempo depois, “meninos vestem azul e meninas vestem rosa). Interessante notar, no entanto, que quando é considerada a direção preferencial do olhar ocidental (que é diagonal, passando do alto do lado esquerdo para o rodapé do lado direito), Michelle está colocada na foto numa posição até mais visada que o marido. Nesse sentido, essa composição se afina com o fato de que, na cerimônia de posse, o discurso da primeira dama foi o que mais gerou repercussão nas redes sociais tanto usadas pelo presidente. Em seu discurso, afinal, feito em libras, Michelle passou uma imagem de atenção às minorias e de esforço de inclusão, compensando simbolicamente, nesse sentido, o fato de que seu marido havia sido muito criticado durante a campanha exatamente por não ter nenhum

plano de governo voltado a atender essas parcelas da sociedade. A postura e roupa de Michelle Bolsonaro também chamaram muito a atenção. Os tons pastéis e, mais especificamente, o rosa claro, num modelo de vestido que lembrava muito o clássico usado pela personagem Cinderela do filme da Disney, além da postura recolhida e contida, reforçam totalmente um modelo conservador de mulher, que ao mesmo tempo adornar e apoiar a figura do marido, sem no entanto ultrapassar os limites de uma figura coadjuvante e encolhida diante da postura masculina proeminente e expansiva.

Segundo caso: imagem como ilustração ou vetor crítico



Na imagem acima, o que se vê é a mesa com as cadeiras vazias que marcaram a coletiva que Bolsonaro daria a respeito da sua participação no fórum internacional de Davos.

Depois de ter feito um discurso de abertura que causou estranheza na imprensa nacional e internacional por seu caráter vago e sua extrema brevidade (comparado ao de todos os outros presidentes presentes no evento), o presidente brasileiro simplesmente cancelou a entrevista que daria ao fim do fórum, pegando tanto a organização do evento quanto a imprensa internacional de surpresa.

Com a foto da mesa vazia já se espalhando na imprensa internacional, então, a imprensa brasileira repetiu a imagem em questão e, talvez até a reboque dela, precisou produzir os textos que circularam buscando colocar em palavras aquele vazio impossível de ser escamoteado. A imagem, nesse sentido, acabou fazendo o contrário de ocultar o problema ocorrido: com uma composição visual que contrastava o brilho da mesa e das cadeiras claras, no plano central e superior, com a plateia expectante flagrada no plano

inferior e periférico, a foto acabou por servir mais para exibir uma ausência vexatória do presidente eleito do que sua eventual presença no fórum, e certamente o fato público dessa ausência como a de uma “oportunidade perdida”, no sentido das possibilidades de participação do Brasil nas discussões econômicas e políticas internacionais.

Terceiro caso: imagem como fratura ideológica



À primeira vista, essa imagem pode parecer apenas uma troca de camisas de futebol entre um presidente e outro. O que a tornou talvez especialmente fascinante (e também largamente explorada pela imprensa nacional e pelas redes sociais), no entanto, é o fato de que ela parece reencenar uma outra foto que parece ter atuado então no inconsciente como um modelo fantasmático: a famosa foto do ex-presidente Lula com Obama 10 anos antes, em 2009, na qual o presidente do Brasil também dava uma camisa para o presidente dos EUA.



É preciso entender, no entanto, que no momento em que aquela foto original foi tirada, Lula e Obama representavam, independentemente das visões políticas de cada um, uma grande ruptura com os presidentes anteriores: um por ter uma origem de pobreza, tendo sido operário boa parte de sua vida; e o outro por ser o primeiro presidente negro na história dos Estados Unidos. Além disso, ambos tinham, em suas agendas de governo, medidas mais voltadas ao aumento de direitos e maior foco em pautas sociais que seus adversários no segundo turno, tendo sido por isso considerados como representantes de uma política mais progressista dentro de seus respectivos países.

A oposição entre essas fotos, então, também é a oposição entre a “dupla” formada por Bolsonaro e Trump e aquela outra formada por Lula e Obama. É imprescindível, assim como na aproximação entre os presidentes feita acima, perceber as semelhanças entre os planos de governo entre Bolsonaro e Trump, ambos conhecidos por serem muito conservadores, terem políticas econômicas totalmente neoliberais, serem “novos” na política (apesar de Bolsonaro já ser deputado há 30 anos) e terem campanhas ultranacionalistas (com Trump usando como principal frase, inclusive, o “make America great again” e Bolsonaro, por sua vez, o “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”).

Na leitura das fotos em questão, no entanto, para além das semelhanças mais óbvias chama atenção também as diferenças. Afinal, em ambas os dois presidentes são enquadrados de forma central e equilibrada. No entanto, como a dupla atual está sentada a uma certa distância fixa, e numa posição mais frontal e rígida, a impressão é que de a foto está mais fria e posada, enquanto que na foto da dupla anterior, com os dois de pé e se tocando numa posição parcialmente de lado, predominava a impressão de um gesto mais próximo e espontâneo. Além disso, é notável a direção do olhar de ambos: se no primeiro caso ambos estão olhando para uma camisa erguida e toda assinada (o que marca um traço mais afetivo do presente e uma reação mais animada), no segundo caso os presidentes não trocam olhares entre si, apenas parecem posar para as câmeras com sorrisos forçados e uma camisa sem qualquer assinatura, segurada burocraticamente bem mais perto do chão.

Nesse contexto, a função ideológica de retomar a cena famosa do governo anterior apenas para rasurar ou substituir sua memória, marcando assim uma nova supremacia política, parece ter gerado, nesse caso, algo de um efeito diferente do programado: assombrada pelo fantasma da cena original, a cena mais recente se mostra diminuída e acanhada em sua visível inautenticidade.

Considerações finais

Quando buscamos analisar as imagens escolhidas como *corpus* deste artigo, imaginamos que as estratégias opinativas adotadas pela mídia brasileira seguiriam um padrão já bem estabelecido entre nós: *não* assumir nenhuma posição política mais clara em relação aos eventos cobertos, ainda que de fato a escolha política de seus dirigentes tenha buscado influenciar seus leitores através de escolhas e estratégias menos explícitas. E foi justamente essa estratégia ideológica que vimos ocorrer no caso da Veja.

Na análise realizada neste artigo, portanto, a hipótese inicial levantada se viu bastante confirmada. Afinal, de fato as imagens fotográficas se mostraram capazes de, exatamente por não serem apresentadas como um elemento mais “opinativo” dentro da revista em questão, desempenharem de forma muito eficiente a função ideológica de direcionar e influenciar a opinião e a própria percepção das pessoas a respeito dos eventos ali representados. Nesse sentido, o rendimento político daquele caráter “duplo” da fotografia (enquanto *emanação* e *transfiguração* da realidade) se faz notar com clareza através do seu uso ideológico como um elemento supostamente “neutro”, “objetivo” e “imparcial” de representação da realidade – mesmo em contextos nos quais, de fato, ela atua de forma nítida no sentido de reforçar ou naturalizar determinados pontos de vista.

Isto compreendido, talvez fosse o caso de se perceber, inclusive, que o próprio foco das fotos analisadas reforça uma tendência política muito problemática: a de se reduzir a cobertura de eventos políticos a uma mera apresentação de certos indivíduos (cf. nos alerta CIOCCARI), assim amesquinhando e ocultando as questões públicas que estão em jogo. Para fazer ver, nesse contexto, algo que se situe aquém ou além do que as fotos insistem em nos mostrar (mesmo quando esses indivíduos estão ausentes), talvez então seja necessário prestar atenção ao que nelas se inscreve à revelia das intenções com que foram criadas.

Mais do que confirmar em boa medida a hipótese que havia sido levantada inicialmente, no entanto, é necessário chamar a atenção para um fato inusitado que se deu ao longo das análises concretas: ainda que tenha sido possível confirmar que as fotos podem não só ter caráter “opinativo” mas também ser usadas com uma função de reforço ideológico, por outro lado ficou claro que houve nos casos observados variações funcionais importantes em relação a esse traço ideológico. De fato, por vezes mostrando mais ou menos do que se previa, as imagens em questão parecem ter trazido à tona algo como flagrantes de um inconsciente óptico⁵ - ou até, talvez, alguns elemento discretamente contra-ideológicos, no sentido de exibirem o contrário do que poderia convir aos esquemas já bem conhecidos e previsíveis de dominação.

⁵ A expressão de Walter Benjamin (op. cit) se refere a aspectos da realidade captada pela câmera fotográfica que fogem da percepção do olhar humano e o extrapolam, revelando aspectos latentes da realidade capazes de ampliar e surpreender a nossa visão.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura.** Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** (col. Primeiros Passos – v.13) São Paulo: Brasiliense, 1997.

CIOCCARI, Deysi. A imagem contemporânea e a construção do personagem político nas eleições municipais brasileiras de 2012. **Intercom.** Acesso em 10/11/2018. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0270-1.pdf>

MARQUES, Francisco; MONT`ALVERNE, Camila. A opinião da empresa no Jornalismo brasileiro: um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Acesso em 20/11/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p121>

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens.** (col. Como eu ensino). São Paulo: Melhoramentos, 2012.